



ENTREVISTA COM ANA BEATRIZ QUIROGA POR ANNA CLARA GRANADO E MAÍRA INDIO DO BRASIL

Anna Clara Granado¹

Maíra Índio do Brasil²

Minibio: Ex-Coordenadora da Sala Lilás - Niterói e do Eixo de Enfrentamento à violência da CODIM, doutoranda em Ciência Política pela UFF, mestre em Política Social - UFF, graduada em Letras - português/literatura (UFF). Habilitada em Libras. No presente momento atuo com a elaboração e gestão de políticas públicas de gênero, e desenvolvendo pesquisas, principalmente, nas seguintes temas: sexualidade, diversidade, gênero e violência de gênero.

Entrevistadoras: Poderia nos contar um pouco mais sobre a Sala Lilás?

Ana Beatriz Quiroga: *Atuei na sala lilás como coordenadora até julho de 2021, ele é um equipamento dentro do IML³, aqui no Barreto, em Niterói, que faz o atendimento e acompanhamento de crianças e mulheres vítimas de violência durante o exame pericial, então, antigamente essas mulheres e/ou crianças chegavam lá num ambiente policial de IML, o que eu sempre digo, que ninguém vai para lá por um bom motivo e onde é majoritariamente ocupado por corpos masculinos, além de todos os médicos serem homens, essas mulheres eram atendidas de forma comum, de modo impessoal e corriqueiro. E que eles não recebem um determinado treinamento para lidar com os corpos femininos. E a sala Lilás começou a fazer esse acompanhamento. Então a mulher era recebida por uma recepcionista, que encaminhava primeiramente e obrigatoriamente para a sala lilás.*

Entrevistadoras: Desculpe interromper, mas você ficava sozinha na sala, ou tinha outras

¹ Doutoranda em Educação no PPGedu - Processos formativos e desigualdades sociais da UERJ; Mestra em Educação pelo PPGedu - UFF/Niterói, RJ, graduada em Pedagogia pela UFF/Niterói, RJ. Membro atuante e participante dos grupos de pesquisa Seraphicus, GESDI, GEPCEB e OLÉ. Estuda sobre a História da Educação e das Mulheres, no período republicano, como tentativa de explorar a educação brasileira e novas personagens. Contato: annaclaragranado@gmail.com

² Mestranda em Educação no PPGedu - Intelectuais, Juventudes, Educação Democrática da UFF; Pedagoga licenciada pela Faculdade de Educação (UFF-Niterói). Participante e colaboradora do Observatório da Laicidade na Educação (OLÉ), e também do Grupo de Pesquisas e Estudos sobre os Impactos do Conservadorismo na educação brasileira (GEPCEB). Contato: mairadezerto@gmail.com

³ Instituto Médico Legal.

pessoas? Quantas pessoas ficavam à frente, era um grupo majoritariamente feminino?

Ana Beatriz Quiroga: *Eu era coordenadora da equipe. Que contava na época com 5 técnicas e 2 recepcionistas. Obrigatoriamente mulheres. E aí a gente tinha um revezamento, que era por plantão de 24 horas, que funcionava de segunda a sexta-feira. Hoje está funcionando de domingo a domingo, mas de segunda a sábado contando com o técnico, assistente social, psicóloga, enfermeira e a assistente de enfermagem cada dia uma pessoa fazendo esse acolhimento.*

Entrevistadoras: Poderia nos contar um pouco mais sobre a rotina desses atendimentos na Sala Lilás?

Ana Beatriz Quiroga: *Sobre o atendimento, primeiro é feito uma conversa. E essa conversa é completamente opcional para a mulher, quanto ela quiser se abrir e se ela quiser. Explicamos como vai ser o procedimento todo, quando é criança e adolescente, às vezes usamos bonecos para explicar o procedimento. E lá a gente atende meninas de 0 a 100 anos e meninos até 14 anos, que é o considerado estupro de vulnerável.*

Entrevistadoras: Existem outras salas como essas, existe algum diferencial?

Ana Beatriz Quiroga: *As outras salas lilases do Rio de Janeiro, estado do Rio, possuem um outro protocolo, como eles ficam dentro da Secretaria de saúde, elas têm um outro entendimento. Então elas atendem a todos os grupos de vulneráveis, como idosos, LGBT etc. Como a nossa fica dentro da Secretaria da mulher, a gente tinha um entendimento de que muitas vezes, atendendo um menino acima de 18 anos ou idoso, a gente também poderia estar atendendo ao agressor. E principalmente quando a gente fala de criança, então a gente optou por esse recorte. Aqui é diferente, até 14 anos para meninos. E aí a gente preenche a ficha Sinan⁴, que é uma ficha obrigatória do Ministério da saúde para a notificação de violência, que é o que vai gerar os nossos dados. E depois a gente acompanha 100% do procedimento com o perito que vem até a sala lilás. Todo o procedimento é feito dentro da sala lilás. Às vezes, quando é lesão corporal baixa, dá para ir até a sala do perito e só. Mas a qualquer necessidade de levantar a roupa se vai para dentro da sala lilás.*

Entrevistadoras: A sala conta com qual estrutura?

Ana Beatriz Quiroga: *A sala conta com uma brinquedoteca, sala de recepção, maca ginecológica e um banheiro.*

⁴ Sistema de Informações de Agravos de Notificação – SINAN: O objetivo do SINAN é registrar e processar dados sobre agravos de notificação em todo o território nacional, oferecendo informações para analisar o perfil da morbidade e, assim, apoiar a tomada de decisões nos níveis municipal, estadual e federal.

Entrevistadoras: E qual é a etapa final deste processo de atendimento?

Ana Beatriz Quiroga: *Fazemos o que é o mais essencial, o encaminhamento dessa vítima para a rede. Então se for mulher, CEAM⁵ e se for criança conselho tutelar, e/ou promotoria do idoso. Aqui em Niterói possuímos uma gestão compartilhada Niterói e Maricá, por eles não terem um IML, então a gente também fazemos alguns atendimentos e encaminhamento para Maricá.*

Entrevistadoras: Em nossos estudos prévios, vimos um pouco sobre os treinamentos. Poderia nos contar mais sobre isso?

Ana Beatriz Quiroga: *Em maio/junho de 2021, mais ou menos, a gente tem o feminicídio no Plaza. E a partir desse caso surgiu a demanda em se fazer o primeiro Treinamento Lilás para o setor privado. Começamos a fazer em 2021 um treinamento com a guarda municipal de Niterói. Porque entendemos que a gente precisava capacitar o atendimento e já visando uma unidade dentro da guarda municipal, específico para atendimento à mulher, a PPEM - Programa de Proteção Especial às Mulheres. E naquela época o treinamento era para todos os guardas, tanto mulheres e homens, foram mais de 12 encontros. Hoje em dia a gente faz o Treinamento Lilás, com toda essa parte de gênero, como parte da formação inicial dos guardas. Então todo o guarda que faz concurso e entra, passa obrigatoriamente pelo curso de formação da guarda. E aí a gente começou a fazer para dentro da prefeitura e para quem nos chamassem, como áreas da educação, da saúde, quem estivesse chamando a gente levava esse treinamento e adaptando conforme necessidade. A partir do que ocorreu no Plaza, a gente começou a fazer para o setor privado. Então fomos ao shopping Plaza, Shopping Multicenter, nas escolas. E daí vamos adaptando para cada caso, adaptando não só para o setor mas para cada grupo que será treinado. E chegamos num ponto, onde precisamos achar formas de fazer com que essas informações cheguem em espaços onde normalmente não se chega. E acaba sendo necessário um treinamento policial, como exemplo, pensamos o seguinte: não adianta garantir apenas a proteção, porque isso a polícia sabe fazer. Mas o atendimento, o acolhimento e principalmente conhecer a rede, para entender o para onde eu levo? o que eu faço? Até para garantir uma prevenção. Para que assim, que você perceba uma situação, e antes que algo aconteça, entender que nem sempre as mulheres vão estar preparadas para denunciar. E entender e saber que quando a mulher estiver pronta para esse movimento de denunciar explicar e mostrar que existe um centro especializado. E que sim, podemos te levar até lá, ou podemos dar o endereço. Para quando você se fortalecer, ou para quando estiver pronta procurar uma delegacia.*

⁵ Centro Especializado em Atendimento à Mulher.

Entrevistadoras: Esse é um ponto muito importante, que nos chama atenção, a garantia da relação entre as coordenadorias e secretarias. Como você vê esse funcionamento? Não necessariamente só na CODIM⁶, mas a importância que isso tem para poder construir exatamente essa rede de cuidado e ação de políticas públicas de proteção e prevenção.

Ana Beatriz Quiroga: *Tem uma coisa que eu aprendi nos movimentos sociais e que eu trago para minha prática profissional é que a gente não faz nada sozinho, duas coisas que eu aprendi, uma que não existe patente. A patente a gente deixa para a galera científica de exatas. Não existe patente, o importante é a política pública funcionar e chegar nas pessoas e isso é uma coisa muito difícil na política. E é isso, na questão da patente, é muito importante que as políticas públicas sejam em forma de lei. E a gente aprendeu isso. Porque daí não depende de gestão ou de quem fica no poder. A Secretaria pode deixar de existir, mas as políticas públicas previstas em lei, em decreto, não serão fáceis de tirar. Então a gente aprendeu muito a fazer as coisas em lei, em conjunto. Então, por exemplo, hoje a gente tem dignidade menstrual, junto com a área da educação e com a saúde. E se caso a CODIM deixar de existir sabemos que a saúde e a educação vão continuar tocando o projeto. E a gente vai entendendo que existem outras perspectivas, outras visões. A galera da saúde traz outra visão sobre o atendimento, a galera da educação traz outro senso de realidade, de comunidade, de atendimento familiar que a gente não tem. Então, trabalhar em rede é essencial.*

Entrevistadoras: Outro ponto que queremos saber é sobre a atuação das políticas públicas de prevenção ao feminicídio, na educação. Já entendemos que existe uma atuação muito forte fora dessa área, mas e na educação? O que se tem feito, para a base?

Ana Beatriz Quiroga: *A gente já sofreu aqui em Niterói uma questão com a perseguição de gênero muito forte. Então, durante algum tempo, a extrema direita cresceu por aqui, mas temos um plano municipal de educação que inclui o debate de gênero e que a extrema-direita conseguiu vetar isso. Hoje a gente tem o direito, mas durante muito tempo eu, como professora de português, não podia falar, gênero literário, que a palavra gênero foi proibida. A gente chegou a esse ponto. Com o avanço do conservadorismo e do governo Bolsonaro,*

⁶ Coordenadoria de Políticas e Direitos das Mulheres: A CODIM elabora políticas públicas que asseguram os direitos das mulheres em suas diversas dimensões, promovendo o respeito às diferenças raciais, étnicas, geracionais, religiosas, de orientação sexual e às mulheres com deficiência. Somos um órgão da Prefeitura Municipal de Niterói, instituído em março de 2003.

esse pessoal se sentiu muito forte, empoderado. Então a gente ficou muito retraído de entrar em sala para falar sobre essas questões. Porque a gente era filmado. Era denunciado e aí quando falo de escola da comunidade a gente era ameaçado. Foi muito difícil. E conforme o governo Bolsonaro vai perdendo um pouco do seu espaço e de sua força, principalmente no pós-pandemia, a gente consegue voltar a discutir. E a gente estava falando sobre isso hoje, sobre como falar de educação sexual com as crianças, mas a gente entende que falar sobre educação sexual nas escolas cria um alvoroço absurdo.

Entrevistadoras: Logo, dentro deste cenário, quais estratégias podemos pensar?

Ana Beatriz Quiroga: *Então a gente lá fora fala de autoproteção. Eu acho absurdo, mas se funcionar, faremos ou chamaremos de qualquer coisa. E isso está previsto em lei, como a lei Maria da Penha prevê isso. Está no tripé da lei Maria da Penha essa prevenção nas escolas, então a gente tem lei federal, lei estadual e lei municipal. Então como é que eu faço uma discussão dessas, sem discutir gênero? Como se discute violência doméstica sem discutir papel de gênero? Então hoje, não só temos a semana de gênero, que é feita em março, mas principalmente em agosto lilás, nós vamos em várias escolas falar sobre isso, mas a gente tem dois programas, um deles que é dentro das escolas que é o da dignidade menstrual, que quando no governo Bolsonaro, em 2021, vetou a distribuição de absorventes, a gente aprova aqui na cidade. Então, em Niterói tem dignidade Menstrual, que é a distribuição de absorvente descartável na rede pública de saúde. E para EJA e projeto social a gente tem atrelado a sustentabilidade, que é a entrega de absorvente de pano e coletor menstrual com a formação. Ano que vem a gente vai fazer para os mais novos também. Mas, por enquanto, é essa que a gente faz, a formação da dignidade menstrual. Que a gente discute papéis de gênero, o que é menstruação? menstruação sem tabu e a gente faz, junto com a equipe de saúde. Então no segundo encontro, a equipe de saúde regional vai para a escola, até para se criar um vínculo. E a gente tem tido um resultado muito legal, que é após a aula, a policlínica, UBS é muito procurada para teste rápido, porque eles têm a curiosidade e a equipe de saúde têm os materiais para a execução dos testes rápidos, ISTs, vão em busca de métodos contraceptivos e eles veem que está tudo funcionando.*

Entrevistadoras: Já nos encaminhando para o nosso momento final, é pensar como que você vê daqui pra frente? Direitos humanos, a mulher nesse cenário, esse cenário que se constrói agora, que parecia muito bom, mas a gente vê coisas acontecendo nessas últimas eleições que não são tão boas assim. Então, na sua perspectiva mesmo, da sua experiência, tanto Niterói, da forma como você se sente, a vontade que você vislumbra daqui pra frente?

Ana Beatriz Quiroga: *Eu acho que a gente tem muito caminho fértil, mas temos também muitos obstáculos. Como falamos anteriormente, foram 20 anos para virar secretária, por que vinte anos? Porque bastava uma coordenadoria, não para a gente, mas para muita gente bastava. E por mais que sejamos a maior parte da população brasileira, e também de Niterói, falar sobre gênero incomoda, fazer política para as mulheres ainda é “mimimi”, é o*

famoso “não precisa disso tudo”. É discutir equidade e igualdade, que as pessoas ainda tem dificuldade em compreender. Demoramos muito tempo por questões políticas, a gestão já tinha vontade de fazer, mas as pressões políticas não conseguiam, por poder acarretar muitas coisas caras para o projeto político total. Mas eu falo muito isso, não espere eles deixarem, por que se depender, nunca haverá espaço, vai ser empurrando a porta até a hora que eles não consigam mais segurar.